



ISSN: 2595-1661

RESENHA

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Resenha: a questão moral na antropologia em antologia

Review: the moral question in the anthropology in antology

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2307

ARK: 57118/JRG.v8i18.2307

Recebido: 29/06/2025 | Aceito: 05/07/2025 | Publicado *on-line*: 07/07/2025

Rogério Duarte Fernandes dos Passos¹

<http://orcid.org/0000-0002-7618-8754>

<https://lattes.cnpq.br/9385140173843446>

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), SP, Brasil

E-mail: rfdospassos@gmail.com



Resumo

A presente resenha objetiva trazer apontamentos que, em linhas gerais, abordem a obra “A Questão Moral: uma antologia crítica”, organizada pelos pesquisadores franceses Didier Fassin e Samuel Lézé, que na localização e compilação de textos de diferentes autores e em distintas épocas, ilustram não apenas o desenvolvimento da antropologia enquanto campo do saber, mas da mesma forma a sua evolução enquanto conhecimento científico desvelador dos valores da moralidade enquanto eixo orientador de indivíduos e de práticas sociais.

Palavras-chave: Didier Fassin e Samuel Lézé. Desenvolvimento da antropologia. Questão moral. Métodos de investigação antropológica. Antropologia enquanto ciência.

Abstract

This review aims to provide notes that, in general terms, address the work “The Moral Question: a critical anthology”, organized by French researchers Didier Fassin and Samuel Lézé, which, in locating and compiling texts by different authors and at different times, illustrate not only the development of anthropology as a field of knowledge, but also its evolution as scientific knowledge that reveals the values of morality as a guiding axis for individuals and social practices.

Keywords: *Didier Fassin and Samuel Lézé. Development of anthropology. Moral question. Methods of anthropological research. Anthropology as a science.*

¹ Mestre em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo.

Sobre os autores e a obra

Sociólogo e antropólogo, Didier Fassin é professor no Collège de France, tendo se graduado em medicina antes de adentrar em maior profundidade aos temas das Ciências Sociais, e Samuel Lézé leciona antropologia da ciência na École Normale Supérieure de Lyon, e nesse volume intitulado “A Questão Moral: uma antologia crítica” (no original, “La question morale: Une anthologie critique”), no qual esses autores franceses são organizadores, com tradução para a Língua Portuguesa de Lara Christina de Malimpensa, publicado em 2018 pela Editora da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) – e com o apoio do Instituto Francês do Brasil e da Embaixada da França no Brasil –, em 560 páginas, abordam e discutem a questão da moral em mote que transita pelo procedimento da investigação científica, da abordagem empírica que busca superar a da antropologia filosófica e que, igualmente, busca apoio em referências históricas, ressignificados em face de novas demandas sociais exurgidas na contemporaneidade

Em uma antologia que colhe contribuições de diferentes pensadores na formulação de uma linha de abordagem e investigação comportamental e existencial do ser humano, a partir das repercussões metafísicas, axiológicas e ontológicas do indivíduo em cotejo ao plano social e cultural, poder-se-ia ao longo da leitura bem se supor estar diante de um manual de antropologia. Porém, a organização dos textos, não prescindindo da evolução histórica – e não à toa tendo como um dos marcos iniciais o clássico texto “Sobre os Canibais”, de Michel de Montaigne (1533-1592), inserido em uma perspectiva de relativismo cultural, isto é, “o cruel para uns não o é em outros” –, busca trazer o desenvolvimento da antropologia como um fenômeno científico de investigação humana para além de visões eurocêntricas – marcadas no início do desenvolvimento da disciplina na Europa com o julgamento de uma cultura com base nos padrões dos próprios julgadores, em ação reveladora de etnocentrismo e superioridade –, de forma a alcançar maior (e melhor) substrato nos trabalhos de Franz Boas (1858-1942) – no âmbito da antropologia cultural norte-americana –, Bronisław Malinowski (1884-1942) – com pioneirismo na antropologia social e etnologia – e Claude Lévi-Strauss (1908-2009) – nos desenvolvimentos da antropologia estrutural –, edificada sob o pressuposto da existência de feições homólogas em todas as culturas humanas.

Se de fato, haveria, nos moldes da abordagem de Strauss algumas estruturas imutáveis no fenômeno humano, o neófito retorna à questão fundamental: como humanos somos mais iguais ou mais diferentes? As Idades Moderna e Contemporânea – não sem caminhos tortuosos e epistemologicamente conflituosos – indicarão que no plano jurídico essa igualdade há de se consolidar na condição de pilar teórico. Entrementes, será no plano da cultura e do relacionamento inter-humano que a igualdade afigurar-se-á como diversidade entre indivíduos que trazem o escopo de si mesmos como desiderato singular e possibilidade única, e, em contrapartida, sem subsistirem plenamente no interior de coletividades que sejam representativas de uma homogênea “ecologia social”.

Portanto, para a captura e apreensão dessas realidades, a etnografia – enquanto pesquisa de campo que alia a observação participante e a imersão cultural no grupo sob análise –, colocou-se como método clássico, em boa medida transferindo as reflexões do processo mental do filósofo para o teatro coletivo observável ao sociólogo e antropólogo, sublinhando a comparação como extrato revelador de diferenças e concretizando o desafio de não se enxergar o outro com os próprios olhos. Diante disso, será daqui que emerge a questão da moralidade – eixo orientador da obra – como expressão de um mundo possível e ideal de diferentes

agrupamentos humanos, alicerçados em valores que cumprem com a função não apenas de sublinhar onticamente o certo e o errado, o aceitável e o condenável, mas em solidificar o substrato social que permite às comunidades sobreviverem na superação do conflito, no afastamento temporário da escassez material que flagela corpos e juízos e no contorno das vicissitudes do sentimento que são típicas da existência.

Outrossim, exalta-se na obra a prática de uma mnemônica antropológica e de uma proposta de diagnose metodológica que, ao lado de permitir a compreensão da visão construída e compartilhada de moralidade de diferentes povos, não olvide ao antropólogo o exercício de seu caráter científico estruturado em uma abordagem deontologicamente aceitável, em marcos de referência concatenados aos construídos nas discussões do Código de Ética da “American Anthropological Association”, sem prejuízo da assimilação dos relatos de outrora em que os dados antropológicos serviram para fins colonizadores, imperialistas e militares.

De qualquer maneira, como dissemos, para além da antropologia filosófica – que se finca na essência humana, permeada pela busca de significado e pela reflexão sobre os problemas da sua existência e natureza, e, em seguida, em suas relações com o mundo – ressalta-se na obra, como um todo, as tentativas de uma antropologia científica – voltadas para a captura dos aspectos observáveis do agir e das próprias intenções humanas –, envoltas em novos e incessantes fluxos de interesses de pesquisa, capazes de alargar a visão de senso comum que o antropólogo é tão somente estudioso de sociedades exóticas e distantes, mas que, em adição, deve ser igualmente sujeito cognoscente capaz de guindar o “leitmotiv” de investigação para temas que se comunicam com outros campos do saber, em exemplo dos voltados à análise de impactos de sistemas de justiça distributiva e restaurativa – seja em sistema carcerários tradicionais, seja em ambientes estabilizados para a tentativa de normalização política subsequente a regimes ditatoriais –, às práticas de institucionalização de princípios de caridade e ajuda filantrópica no espectro religioso cristão e, mesmo, à conformação de uma moralidade internacional apta a se adequar a uma sociedade internacional e direito internacional público não exclusivamente fundados na coerção, supremacia e mote dos Estados econômica e militarmente mais fortes.

Conduzindo o presente texto rumo à conclusão e destacando que os organizadores da obra, pelo mero propósito de concebê-la, não desprezam que todas as pesquisas se legitimam pela abordagem intersubjetiva da análise dos pares de uma comunidade científica (*peer review*), no íterim das abordagens antropológicas demonstram-se cientes das dificuldades de buscar um universalismo, ao modo de Strauss, que capture o humano como essência da própria civilização sob o difícil cotejo da abordagem do particular em face do geral, em que a realidade é construída em um olhar que subsiste não na totalidade de aspectos plenos da humanidade (impossível, por óbvio, de radiografar), mas tão somente daqueles que sejam reveladores dos fenômenos que permitam a compreensão da correta direção da perseguição do que é, de fato – e cientificamente – o desvelamento do ser e de uma sociedade.

Se as tentativas de apreciação metódica e científica de diferentes sociedades e meios que moldam o agir e a experiência humana, são, igualmente, propostas de atribuição de sentido, justificação e significado ao ideal de moralidade, a leitura e apreciação de obras como esta “A Questão Moral: uma antologia crítica” revela-se em esforço de fôlego para o estudo e intuito de alcance por neófitos e acadêmicos experimentados da visualização de referenciais que permitam a compreensão mútua

e a conseguinte convivencialidade como circunstâncias que construam momentos de cooperação e superação de dificuldades para a própria humanidade.

Referência

FASSIN, Didier; LÉZÉ, Samuel. (orgs.). **A Questão Moral: uma antologia crítica**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, 560 p.